O ensino da psicologia social e as oportunidades para os estudantes *

ATALIBA VIANNA CRESPO

1. Introdução. 2. Características da psicologia social atual. 3. Oportunidades de formação em psicologia social. 4. Oportunidades profissionais. 5. Psicologia social aplicada.

1. Introdução

Parece-nos bastante apropriado iniciar nossas considerações com a síntese de Allport: "Psicologia, para bem ou para mal, é a moda".[1] Neste momento temos, apenas na Guanabara, mais de 2.000 estudantes de psicologia, distribuídos em seis cursos regulares. Inúmeros são os cursos universitários em que a ênfase em psicologia é notável, como: comunicações, ciências sociais, serviço social, pedagogia, administração e outros.

O panorama descrito poderia entusiasmar aos cultores de nossa disciplina, não fôra a preocupação com as conseqüências nefastas que essa explosão de interêsse traz para a formação e para o futuro emprêgo de profissionais na área.

* Trabalho apresentado no Forum de Psicologia Social, organizado pela Associação Brasileira de Psicologia Aplicada.

[1] ALLPORT, Gordon W. *Becoming*. New Haven, Yale University Press, 1955. p. 2.

Thébaut, [2] numa das poucas pesquisas realizadas no Brasil sôbre as características dos estudantes de psicologia, oferece-nos dados que chegam a ser alarmantes quanto às perspectivas da profissão e, em particular, da especialização em psicologia social. Somos informados de que 49,3% dos estudantes não pretendem profissionalizar-se imediatamente e de que apenas 4,4% cogitam de psicologia industrial e social. Êsses dados seriam de esperar se considerarmos: que 86% dos estudantes são do sexo feminino, 84% provêm das classes médias e superiores (29%, nesse caso) e o ingresso no curso por "vocação" ocorreu em apenas 13,7% dos casos.

É, por conseguinte, bastante oportuno êsse Forum, que visa mostrar o campo da psicologia social em seus vários aspectos e promover uma tomada de consciência e posições capazes de levar a uma abertura das perspectivas profissionais na área.

2. Características da psicologia social atual

Poderíamos definir a psicologia social como a parte da psicologia encarregada do estudo do comportamento individual enquanto influenciado pela presença e comportamento de outros indivíduos, de grupos e da cultura.

No âmbito individual temos o objetivo específico da disciplina, como parte que é da psicologia — essa é a tônica maior da atualidade. Fenômenos como a percepção social, [3] motivação social, [4] aprendizagem social, [5] atitudes, [6] entre outros, respondem pela quase totalidade dos estudos da época.

No âmbito de grupo encontramos:

a) estudos de *grupos primários,* informais e de relações face a face; [7]

b) estudos de *grupos institucionais* ou coletividades. [8]

Êsse nível de estudos é freqüentemente partilhado por sociólogos, cientistas-políticos e outros, havendo, entretanto, distinção quanto ao conteúdo e quanto à metodologia: os psicólogos estão sempre mais preocupados com o comportamento individual e o método experimental, enquanto os demais cuidam do "fato social" e preferem a pesquisa *ex-post facto.*

[2] THÉBAUT, Annie. Aspirations des étudiants de psychologie. *America Latina,* 1969.

[3] TAGIURI, Renato & PETRULLO, Luigi. *Person perception and interpersonal perception.* Stanford University Press, 1958.

[4] BIRCH, D. & VEROFF, J. *Motivation: a study of action.* Belmont, Brooks e Cole, 1967.

[5] ZAJONC, Robert. *Social psychology: an experimental approach.* Belmont, Brooks & Cole, 1967.

[6] MC GUIRE. In: LINDZEY G. & ARONSON, E. *The handbook of social psychology.* Reading, Addison Wesley, 1968.

[7] CARTWRIGHT, D. & ZANDER, A. *Group dinamics.* 3. ed. Evanston, Row & Peterson, 1968.

[8] KATZ & KAHN. *The psychology of organizations.* New York, Wiley, 1966. TOCH, Hans. *The psychology of social movements.* Indianapolis, Bobbs — Menill, 1965.

O *âmbito da cultura* refere-se aos estudos da influência dos "produtos" do comportamento de outras pessoas, incluindo não só "itens tangíveis e concretos (instrumentos, armas, objetos de arte...) mas também itens intangíveis (costumes, convenções, leis, tradições e valôres...)".[9] Êsses estudos, tradicionalmente, foram os mais importantes como, por exemplo, os trabalhos de Le Bon[10] ou a literatura sôbre o caráter nacional e os estudos transculturais sôbre comportamento modal.[11] Atualmente, constituem uma fração mínima do campo, compartilhada por antropólogos, principalmente. Sua significação é bastante reduzida, sobretudo devido a razões de natureza metodológica.

A psicologia social atual é, quase totalmente, uma disciplina desenvolvida nos Estados Unidos. O simples compulsar de uma lista de publicações ou de autores dá-nos essa nítida impressão. Como conseqüência, suas características podem ser encontradas em tendências da cultura americana:

a) a tradição científica naturalista — valorizando primordialmente os dados empíricos e entre êsses os de origem experimental e de laboratório;

b) a tradição pragmático-utilitarista — ditando o predomínio de microteorias, *ad hoc,* explicando fenômenos específicos e reduzidos, sem cogitar de seu desenvolvimento em contextos mais amplos e uma certa aversão por considerar as implicações filosóficas;

c) a tradição individualista — implicando centrar o foco de atenção no indivíduo, daí partindo para indagar quanto a seu relacionamento com o contexto social, ou para explorar o desenvolvimento dos fenômenos sociais.

Tais características, se por um lado proporcionaram grande desenvolvimento científico de disciplina, dando consistência aos dados obtidos e desenvolvimento metodológico que a distingue de outras ciências sociais, colocaram-na, paradoxalmente, alheia às aplicações práticas e às solicitações da realidade social. Se não queremos, em absoluto, negar a utilidade da pesquisa pura, não deixamos de preocupar-nos, sobretudo considerando o momento histórico em que vivemos e a nossa realidade nacional, com a impossibilidade de utilizar mais amplamente a psicologia social. Essas são também as preocupações de vários estudiosos da disciplina como, para não citar outros, Herbert Kelman, Lindzey e Aronson[12] e os pesquisadores do Center for Research on the Utilization of Scientific Knowledge da Universidade de Michigan.

[9] MAC DAVID, John & HARARI, Herbert. *Social psychology*. New York, Harper & Row, 1968.

[10] LE BON, Gustave. *La psychologie politique*. Paris, Flamarion, 1910. p. 11.

[11] LINDZEY, G. & ARONSON, E. ed. *The handbook of social psychology*. Reading, Addison Wesley, 1968. v. 4.

[12] LINDZEY, G. & ARONSON, E. ed. *The handbook of social psychology*. Reading, Addison Wesley, 1968. v. 5.

3. Oportunidades de formação em psicologia social

a) *Cursos de graduação*

A preparação oferecida nesses cursos é encontrada, geralmente, nas cadeiras de psicologia social, sociologia, dinâmica de grupo e relações humanas. Quase exclusivamente apresentam a matéria em têrmos de conteúdos significativos, para as várias preparações profissionais, com pouca ênfase na pesquisa ou na metodologia. Acresça-se a isso a falta de atualização dos textos e programas e exigüidade do temário oferecido (no máximo dois anos, à razão de três aulas semanais) e podemos concluir ser pràticamente impossível objetivar a aplicação profissional especializada à base de formação assim adquirida.

b) *Pós-graduação e especialização no Brasil*

Êsse tipo de formação apenas inicia-se no País, com uma série de problemas que é de conhecimento geral. Podemos, entretanto, citar o curso de mestrado em psicologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC), GB, o mestrado em sociologia da Faculdade Cândido Mendes e, dentro em breve, o mestrado em psicologia aplicada ao trabalho, na Fundação Getúlio Vargas, como centros de formação pós-graduada na área. Há ainda treinamento disponível, em dinâmica de grupo em várias instituições.

c) *Formação no exterior*

A melhor oportunidade de formação na área é encontrada nos Estados Unidos, seguindo-se Inglaterra, França (dinâmica de grupo) e Israel. Os programas de formação estendem-se na faixa de um a três anos, no mínimo, conforme se trate de mestrado ou doutorado. Há um número razoável de bôlsas de estudo disponíveis através da Fundação Ford, da OEA, da Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal Superior (CAPES), das embaixadas e, mesmo, diretamente fornecidas por algumas universidades estrangeiras. Em geral, é requerido dos candidatos domínio perfeito do idioma inglês além da língua do país, naturalmente. Os problemas de adaptação no estrangeiro e de readaptação no país devem ser também considerados por aquêles que pensarem em tais oportunidades.

Aquêles que preferem uma formação autodidática encontrarão na bibliografia algumas indicações úteis, principalmente na parte de metodologia. Entre as publicações periódicas e monográficas seria interessante citar os *Cadernos da PUC,* os *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* e várias publicações da Fundação Getúlio Vargas.

4. Oportunidades profissionais

a) *Magistério*

O campo profissional, disponível no País, no momento, é quase que exclusivamente o magistério. Há mesmo grande carência de professôres com formação especializada.

As condições oferecidas, entretanto, deixam muito a desejar. O salário dos professôres, quase todos em regime de remuneração por hora-aula, oscila em tôrno de Cr$ 20,00. É fácil prever que estará o professor obrigado a um total de 30 a 40 horas-aula por semana para perfazer um mínimo de salário compatível com suas qualificações. No magistério federal já há a previsão de remunerar por horas de atividade. Variando o salário, para dedicação exclusiva, entre Cr$ 2.500,00 e Cr$ 4.000,00, aproximadamente, conforme o nível do profissional na carreira universitária.

Outro problema do magistério é a carência de informações. A falta de pesquisas e publicações nacionais é, em parte, responsável por isso. O material estrangeiro, além de caro, dificilmente nos chega a tempo ou é disponível em bibliotecas ou instituições especializadas. Raras são as oportunidades nas universidades, nas associações de classe ou mesmo informalmente para o convívio com colegas que possam conosco trocar experiências. Dêsse isolamento advém, em grande parte, a esterilidade mental e o desestímulo de muitos professôres.

Digamos uma palavra sôbre os alunos. Mais vítimas que culpados, são êles extremamente dependentes do professor em sua aprendizagem. Não é exagêro afirmar que uma grande maioria é incapaz de ler e poucos são capazes de elaborar e desenvolver além da matéria apresentada em aula. Seu despreparo está ainda presente na inconseqüência com que se aproximam dos estudos que, inevitàvelmente, percebem como são motivadores ou alheios a seus objetivos imediatos (muitas vêzes resumidos em conseguir um título profissional). Suas disponibilidades em têrmos de recursos e tempo são também escassas e, mantidas as dificuldades de adequação do professor às suas condições, fatalmente contaremos com um preparo cada vez mais deficiente dos profissionais.

b) *Pesquisa*

O ensino e a aplicação da psicologia social estão fundamentalmente ligados à pesquisa. No Brasil, a pesquisa psicológica a qualquer título e em qualquer nível é pràticamente inexistente. Basta considerarmos que o último livro original com o título *Psicologia social* data dos anos 30 (Arthur Ramos, 1936) e que não excede a poucas dezenas o número de publicações na área, para que isso fique patentemente demonstrado.

À inexistência de pesquisa está vinculada uma falta de condições e de mentalidade que, em síntese, é o oposto do que Cartwright e Zander consideram as condições para o aparecimento da disciplina nos Estados Unidos. [13] Não dispomos de recursos materiais e humanos e de uma infra-estrutura adequada ao surgimento da ciência. É claro que não podemos, em futuro próximo, vislumbrar condições nem sequer aproximadas das de uma sociedade desenvolvida. Mas podemos, e devemos, certamente, buscar as condições condizentes com nosso estado atual e gerar modas e maneiras de pesquisa adequadas às nossas condições socioeconômicas.

[13] CARTWRIGHT, D. & ZANDER, A. *Group dinamics.* Evanston, Row & Peterson, 1968. cap. 1.

Sugeriríamos que, em primeiro lugar, procurássemos canalizar recursos nacionais e estrangeiros. Há um crescente interêsse por vários organismos internacionais e universidades ou centros estrangeiros em pesquisas transculturais. Um contato permanente com essas instituições e o planejamento realista de participação nacional poderiam fazer-nos objeto de várias dotações para pesquisa.

A pesquisa feita por estudiosos estrangeiros sòmente traz problemas políticos e científicos pràticamente incontornáveis. O projeto Camelot [14] cujo triste impacto quase determina uma ruptura de relações entre Chile e Estados Unidos é uma demonstração de inconveniência política. O inexplicável sucesso dos estudos sôbre a Achievement motivation [15] (onde encontramos: medidas de motivação tomadas em S. Paulo, relacionadas com dados econômicos do Brasil confirmando uma hipótese que estaria invalidada, se mantidas ambas as medidas relativas àquele estado) ilustra a ineficiência científica. Os projetos internacionais com a colaboração nacional não só superam êsses inconvenientes, como proporcionam boas ocasiões para a troca de experiência. [16]

Os recursos nacionais poderiam ser conseguidos de organismos (Conselho Nacional de Pesquisa — CNPq p. ex.) que até então sòmente financiam pesquisa tecnológica, mediante um trabalho de penetração em seus órgãos controladores e uma conquista sistemática de suas boas graças através de afirmação da eficiência e necessidade da pesquisa social. Não podemos, entretanto, deixar de lado as entidades que, já preocupadas com fenômenos sociais e carentes de informações precisas, desconhecem a utilidade da pesquisa (órgãos de planejamentos do Govêrno, emprêsas comerciais etc.). Haverá casos em que o cientista poderá satisfazer a sua curiosidade científica e conseguir fundos para pesquisa, introduzindo-a como condição para prestar sua colaboração a projetos de natureza aplicada a que venham solicitá-lo.

O problema metodológico em pesquisa não é menos grave que a falta de recursos. Aliás, muitas vêzes um condiciona o outro: são célebres as "grandes pesquisas" que não levam a nada ou são paralisadas por falta de recursos. Postulamos que seria talvez mesmo necessária uma certa criatividade na área para melhor fazer render os recursos disponíveis. Talvez devêssemos cuidar de minipesquisas e melhor explorar a colaboração gratuita de colegas, aprendizes e sujeitos — fazer um pouco daquilo que, tìpicamente, acontece em centros mais avançados quando se iniciam as pesquisas. Cremos também que deveríamos seguir alguns passos seguros na criação de um cabedal necessário à pesquisa:

1. Réplicas de pesquisas estrangeiras — nada nos garante da reprodutibilidade dos dados obtidos alhures. A confirmação dos achados de outrem

[14] HOROWITZ, Irwing L. *The rise and fall of project Camelot*. Cambridge, The M.I.T. Press, 1967.

[15] MC CLELLAND, D.C. *The achieving society*. New York, Van Nostrand, 1961.

[16] Para exemplificar, citamos: KAHL, J. A. Modern values and fertility ideals in Brazil and Mexico. *J. of Social Issues, 23* (4): 99, 1967.

daria solidez a nossos conhecimentos. A não-confirmação levar-nos-ia a uma indagação profundamente útil ao desenvolvimento da ciência.

2. Pesquisas originais sôbre teorias alienígenas — a teoria é freqüentemente destinada a uma fenomenologia muito próxima do universo do cientista. Mesmo não tendo teorias nacionais, poderíamos fazer aferir a validade de construtos, submetendo-os a nossos fenômenos, nossos modos de medir e revelar comportamentos típicos. Vale um exemplo: nossas atitudes em relações raciais não se manifestam da mesma maneira que as equivalentes americanas, logo, se queremos entender melhor o fenômeno no Brasil, não podemos simplesmente copiar os modelos daquele país.

3. Pesquisas originais sôbre teorias originais — Allport bem mostrou [17] quanto o simples contexto lingüístico condiciona a pesquisa (a existência da palavra "atitude" gerou talvez o tema na psicologia americana e jamais apareceria na psicologia alemã porque êsse conceito é expresso em várias palavras diferentes). Cremos que jamais seremos capazes de bem entender o comportamento do brasileiro se não introduzirmos teorias para explicar o "jeitinho", o "mutirão" e fenômenos semelhantes. Talvez o Achieving behavior diga pouco sôbre nossa realidade mas uma "teoria do ajustamento às circunstâncias" seja de imenso valor heurístico.

Não se depreenda das proposições expostas uma defesa de posições xenófobas ou a pretensão de uma "psicologia social brasileira" que consideramos uma contradição em têrmos, mas tão-sòmente uma abertura para uma contribuição independente, *nossa,* para a ciência. Não cremos ser ousada demais a sugestão de buscarmos em nossa literatura e em nossa psicologia ingênua uma fonte de inspiração: a obra de Euclides da Cunha [18] e Machado de Assis [19] são bons exemplos do potencial de investigação disponível em nosso meio.

5. Psicologia social aplicada

Não podemos afirmar que a psicologia social aplicada seja inexistente no Brasil: temos já algumas emprêsas com início de psicologia organizacional, temos vários institutos de pesquisas de opiniões públicas e algumas agências de propaganda, *marketing* e promoções de vendas que fazem uso de nossa ciência. Nessas atividades, entretanto, raramente encontramos psicólogos, estando o campo entregue a administradores de emprêsa, jornalistas, sociólogos e outros profissionais.

Por hora, o grande campo dos psicólogos, na área, tem sido a dinâmica de grupo, usada para treinamento, desenvolvimento de relações humanas, terapia etc. Esta atividade está em franca expansão e, se devidamente integrada com outras práticas, deverá constituir um excelente campo de trabalho.

[17] ALLPORT, G. W. In: LINDZEY, G. & ARONSON, E. ed. *The handbook of social psychology.* Reading, Addison Wesley, 1968. v. 1.
[18] CUNHA, Euclides da. Obra completa. Rio, Aguillar, 1966.
[19] MACHADO DE ASSIS, J. M. Obra completa. Rio, Aguillar, 1959.

A maior parte do campo da psicologia social aplicada está inexplorada, o que, aliás, não é um fenômeno apenas nacional. A psicologia social ainda é no mundo inteiro uma grande e sentida ausente nas aplicações práticas. O texto mais autorizado na disciplina [20] apresenta quatro alentados volumes de pesquisa e teoria contra apenas um de psicologia aplicada.

Vejamos, pois, alguns campos em que poderia atuar o psicólogo social:

a) *Psicologia organizacional.* Sucessora da psicologia industrial, principalmente ocupada com os sistemas organizacionais, estuda os vários padrões de interação, a problemática dos papéis, os processos de participação, decisão e comunicação e, mais recentemente, tem objetivado a "mudança planejada". [21]

b) *Efeitos da comunicação de massa.* Esta área compreende a atuação na propaganda, na formação e direção da opinião pública. Estuda fenômenos cognitivos, como a percepção e a compreensão de mensagens; fenômenos afetivos, como a provocação emocional, os interêsses, o gôsto público, os valôres e a visão do mundo; e fenômenos comportamentais como manifestações de atitudes, alocação de tempo etc. [22]

c) *Comportamento econômico.* Ocupa-se dos fenômenos ligados à produção, circulação e consumo de bens. Estuda a motivação do produtor-empresário, do trabalhador, do vendedor e do consumidor. [23]

d) *Comportamento político.* Consiste no estudo da formação e mudança da opinião política, processamento da informação política, comportamento eleitoral e mudança eleitoral. A principal fonte de referência para essa área é o periódico *Public Opinion Quarterly.*

e) *Desenvolvimento social.* Essa é uma área em que os psicólogos têm estado relativamente ausentes. Por razões óbvias, bem poderia ser um ponto de partida para a abertura do campo profissional no Brasil. A temática geral, nesse setor, é:

1. O estudo dos condicionantes do desenvolvimento socioeconômico. Atitudes, motivação, valôres e crenças (modernismo versus tradicionalismo, por exemplo).

2. Promoção do desenvolvimento — planejamento de mudança, planejamento familiar, promoção de comunicação e difusão de inovações, desenvolvimento comunitário e especialização política etc.

[20] LINDZEY, G. & ARONSON, E. *The handbook of social psychology.* Reading, Addison Wesley, 1968.

[21] SCHEIN, E. H. & BENNIS, W. G. *Personal and organizational change through groups methods.* New York, Wiley, 1965. MARCH, J. G. ed. *Handbook of organizations.* Chicago, Rand — McNally, 1965.

[22] WIESS, W. In: LINDZEY, G. & ARONSON, E. *The handbook of social psychology.* Reading, Addison Wesley, 1968. v. 5.

[23] KATONA, George. *Psychological analysis of economic behavior.* New York, McGraw-Hill, 1951.

Summary. An overview of the field of Social Psychology, both theoretical and applied, was presented. Professional opportunities available in Brazil were analised and suggestions were made towards research development and potential opportunities in Mass Communication, Organizational Psychology, Political and Economic Behavior and Social Development.

Résumé. Une vision générale des opportunités de travail en Psychologie Sociale au Brésil a été presentée. L'auteur a fait quelquer sugestions vers le développement de la recherche et sur les opportunités potencielles en communications de masse, psychologie des organisations, comportement économique et politique et développement social.

ESTANTE DE LÍNGUA PORTUGUÊSA

Com a publicação da Estante de Língua Portuguêsa, sob a direção do Professor Rocha Lima, a Fundação Getúlio Vargas vem colaborar no aprimoramento do magistério em nosso país: trata-se de um conjunto homogêneo de três séries de livros indispensáveis à boa formação de professôres e estudantes universitários de letras.

A primeira série, em curso de publicação, — intitulada Universidade — consta de reimpressão e lançamento de estudos lingüísticos do porte dêstes:

1. FONÉTICA SINTÁTICA, de Sousa da Silveira.
2. MEIOS DE EXPRESSÃO E ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS, de Said Ali.
3. TEXTOS QUINHENTISTAS, de Sousa da Silveira.
4. O FATOR PSICOLÓGICO NA EVOLUÇÃO SINTÁTICA, de Cândido Jucá (filho).
5. ENSAIOS DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, de Leodegário A. de Azevedo Filho.
6. A LÍNGUA DO BRASIL, de Gladstone Chaves de Melo.

REVISTA LATINO-AMERICANA DE PSICOLOGIA

Diretor: Rubén Ardila, Ph. D.

Revista especializada no desenvolvimento da Psicologia científica e profissional, tratando especialmente da América Latina. Os artigos para seleção podem ser enviados em espanhol, português, inglês ou francês. Uma vez aceitos, são publicados em espanhol acompanhados de um resumo em inglês no estilo dos Psychological Abstracts.

A revista dispõe de um Conselho de Redação, no qual estão representados todos os países latino-americanos.

Assinatura anual: US$ 6.00

Artigos, resenhas de livros e pedidos de assinaturas podem ser enviados ao escritório central: Apartado Aéreo 10594, Bogotá, Colômbia, S. A.